

*Discurso na cerimônia de  
inauguração da primeira fase do projeto  
de irrigação Baixo Acaraú*

MARCO, CE, 3 DE SETEMBRO DE 2001

*Meu caro Governador e amigo Tasso Jereissati; Senhores Ministros que me dão a honra da companhia; Ministro da Integração Nacional; Ministro do Planejamento, Orçamento e Gestão; Senhores Representantes e Secretários-Executivos dos Ministérios de Minas e Energia e dos Transportes; Senhores Senadores, aqui presentes; Deputados Federais, Estaduais; Senhores Prefeitos, tão numerosos aqui presentes; Presidentes de Câmaras Municipais; Senhores Vereadores; Senhores Secretários do Estado do Ceará; Enfim, esse magnífico povo aqui do Ceará, como disse o Governador Tasso Jereissati, é a esse povo que nós devemos todos os agradecimentos e todas as reverências,*

Se me permite Governador, eu, em vez de começar, como habitualmente, me referindo a Vossa Excelência, e retribuindo a sua generosidade, não só de palavras, mas de tantos e tantos anos de amizade constante – as brigas entre nós só vejo na imprensa, nunca existiram – isso até faz bem, é o sal da vida, dá graça, mas, antes de me referir a Vossa Excelência, quero me referir aos Prefeitos aqui e receber os títulos, como recebi, de cidadania desta região: de Acaraú, de Bela Cruz, de

Marco. Isso me marca, Governador. Isso me toca porque eu estou lá em Brasília. Sou de São Paulo, nasci no Rio de Janeiro, vivi muitos anos fora do Brasil. E nada toca mais a uma pessoa como eu, eleito, reeleito Presidente da República, também sujeito aos mesmos avatares que o Governador Tasso mencionou, de injustiça, de difamações, isso tudo desaparece instantaneamente quando se vê que os municípios dessa região dão a mim o título de cidadania. Sou muito grato.

Sou, realmente, muito grato porque é necessário para aqueles como eu, que estão alguns anos nessas funções quase abstratas, que as pessoas vêem nos jornais, na televisão, às vezes até nos conhecem por terceiros e, portanto, não conhecem diretamente, conhecem às vezes mal, às vezes deformadamente. Enfim, a vida política é assim. E, de repente, quando se vê diretamente, uma Câmara se junta e dá um título para agradecer aquilo que não deve a mim. Fiz a minha obrigação. Terminar essa obra do Baixo Acaraú é minha obrigação. De modo que isso foi uma dádiva de vocês e não minha a vocês. Estou, realmente, gratíssimo a toda essa região.

Quero dizer, também, que se é verdade, como aqui foi dito, que temos tido um grande empenho em reestruturar o Ceará, esse empenho eu aprendi, e aprendi lá atrás, nas minhas primeiras campanhas aqui no Ceará. Aprendi com o Governador Tasso Jereissati, aprendi com os Senadores, aprendi com ex-Governadores, mas, sobretudo, com o Tasso Jereissati. E não vou me esquecer nunca de um dia em que o Governador Tasso Jereissati apareceu lá, no meu gabinete, com uma pessoa que eu não conhecia, para tratar de inocular no meu espírito a necessidade de nós termos uma visão global da questão hídrica. E essa pessoa, hoje, é presidente da Agência Nacional de Águas, chama-se Jerson Kelman. Eu não conhecia. O Governador, não sei se o conhecia muito bem, não. Ele era um técnico do Rio de Janeiro, um professor. E graças a isso nós hoje temos uma Agência Nacional de Águas que está começando seus trabalhos. Por quê? Porque aprendi aqui, no Ceará, que não adianta fazer um açude aqui e outro acolá. É preciso haver uma compreensão global do problema. É preciso que haja, também, não apenas a irrigação e os açudes, mas

uma interconexão; é preciso estar pensando o tempo todo no conjunto das obras e que, sem isso, é jogar dinheiro fora. E como eu voei tantas vezes e andei tantas vezes por estas terras nordestinas e vi tanto açude, vejo, cada vez que tem seca, de novo a tragédia da seca, eu digo: “Ah, ele tem razão.” Não se resolve essa questão simplesmente plantando um açude aqui outro acolá. Só se resolve se nós encararmos os grandes problemas hídricos e encararmos no seu conjunto. É por isso que nós nos empenhamos sempre.

No Acaraú, vamos fazer e terminar lá, Tabuleiro de Russas, que eu já visitei também. Vamos terminar o Castanhão, porque precisamos do Castanhão. Talvez não dê para enchê-lo no meu mandato, mas vai estar cheio nos mandatos sucessivos. E o povo do Ceará terá uma garantia de que esse sistema desenhado vai funcionar.

Quem sabe, algum dia, nós possamos realmente resolver a famosa questão da transposição. Transposição que estamos a ver, com a situação crítica que vivemos, que não se pode resolver também senão com uma solução de conjunto, analisando o conjunto do Brasil e vendo o que fazer com o Tocantins, vendo de que maneira também revitalizar o São Francisco. Mas é necessário trazer água para cá. Não há dúvida nenhuma. Se eu puder impulsionar, pelo menos, o começo disso, eu impulsionarei. E eu impulsionarei porque estou convencido de que a solução tem que ser conjunta.

De modo que hoje, ao chegar de helicóptero, e ao sobrevoar essa região, ao ver 8 mil hectares – e talvez até seja possível, me disse um técnico aqui, há pouco, estender um pouco mais além dos 8 mil hectares –, pude vê-los divididos. Divididos de tal modo que haja o empreendedor de médio ou talvez grande porte, o empreendedor pequeno, haja o técnico, todos eles com seu lote de terra. Mas, sobretudo, todos eles com a mesma mentalidade, que é a mentalidade de quem vai produzir. É empreendedor, não é simplesmente alguém que recebeu um pedaço de terra por favor. Aqui não se faz favor. Faz-se obrigação, por um lado, do Governo, que é de criar condições. E a obrigação do cidadão é, dadas as condições, produzir para que o Brasil continue a crescer.

Levará tempo. Não preciso ser Presidente da República para vir ao Ceará. Posso vir, como virei, como simples cidadão, mas com a mesma fé, da qual falou o Governador, no meu peito de que não vai morrer no dia em que eu deixar a Presidência. E seja quem vier a ser o Presidente, e espero que seja um dos nossos, do meu lado, do Brasil, dos partidos que me apóiam. Mas, seja qual for o Presidente, terei a mesma vibração para vir um dia aqui e ver não apenas o que estamos vendo hoje – canais, água e terras preparadas –, mas ver um pólo produtor de frutas e exportador, para competir, como vamos competir, no melhor sentido, com Petrolina e com Juazeiro. O Ceará tem todas as condições para ser um produtor de frutas e um exportador.

Vamos, sim, terminar o Tabuleiro de Russas. Vamos, sim, levar adiante o Castanhão. Vamos, sim, continuar a fazer o metrô de Fortaleza. Vamos, sim, levar adiante o Porto de Pecém, que, como disse o Governador, será um marco do desenvolvimento do Nordeste, porque é um porto de grandes proporções e que apenas começa. Vamos, sim, fazer tudo isso. Não sei quanto vai custar. Não sei quando será possível terminar tudo isso. Faremos o esforço máximo. Mas nós estamos mudando a face do Ceará. Essa mudança do Ceará não é minha, é nossa. Não é do Governador, é nossa. Não é dos Prefeitos, é nossa, porque é do povo do Ceará, que é, realmente, quem está impulsionando essa transformação pelo seu sofrimento e pelo espírito de luta.

Estamos, sim, Ministro Martus Tavares; estamos, sim, Ministro Ramez Tebet, fazendo várias obras. Só no Ministério da Integração, na área hídrica, o Governo Federal faz cerca de mil obras de todo tipo. Mas o importante são as obras estruturantes, as que mudam a face, como essa a que eu fiz referência agora.

Mas se tudo isso é motivo de satisfação, como já foi referido por todos os que me antecederam, a grande satisfação mesmo é outra: é não apenas que nós vamos gerar empregos, como estamos gerando, com todas as dificuldades, mas nós estamos mudando a qualidade de vida dos mais pobres do Brasil. E se alguma coisa eu quero deixar, na minha passagem pela Presidência da República, não é a estabilidade da economia, que nós já alcançamos – precisamos continuar –, não é

a estabilidade política que nós temos mantido e vamos manter. Pela primeira vez, efetivamente, há um conjunto importante de programas sociais que vão diretamente àqueles que são os mais necessitados, que são os mais pobres do Brasil. Nunca se fez tanto esforço, na história republicana, como temos feito agora.

Há um projeto que se chama Alvorada, e o nome foi designado assim para mostrar que é um renascimento, que é um nascimento, que é um projeto que concentra uma imensa quantidade de recursos para a área social. Esse projeto nós devemos não só ao Governo Federal, devemos também ao Congresso Nacional, que destinou os recursos necessários para esta obra. Mas nós estamos realizando. Hoje, nós estamos convivendo melhor com a seca. Neste momento, há seca. É, talvez, a terceira ou a quarta seca que eu, como homem público, tenho que enfrentar, como Ministro da Fazenda e, depois, como Presidente da República. Essa é a seca que nós estamos enfrentando com mais tranquilidade por parte da população. Por quê? Porque há programas que atendem já a população mais carente.

Quero anunciar um novo programa para o ano que vem. E esse programa o Brasil deve a Tasso Jereissati e a Martus Tavares. É um programa chamado Seguro-Renda, que é uma modificação completa no modo pelo qual se dá a sustentação àquele que é vítima das secas do Brasil. Não vai precisar mais se deslocar. Não vai precisar mais fazer de conta que está trabalhando numa frente de trabalho que nem existe. Não vai mais pedir favor a vereador nenhum, não precisa de partido nenhum. Terá diretamente o dinheiro para ficar onde ele estava morando com sua família até que a seca passe e que possa haver uma colheita que permita uma venda adequada do fruto do seu trabalho. É uma inovação importante. Mas nós fizemos várias outras inovações.

Aqui, referiu o Governador, temos os agentes comunitários de saúde. Se de algo me orgulho, é de nós termos trabalhado juntos – e não só aqui, mas no Brasil todo – para uma atuação mais decidida dos agentes comunitários de saúde. Quando assumi o Governo, eles eram 22 mil. Hoje, são mais de 150 mil agentes comunitários de saúde.

Nós, hoje, contamos com 22 mil equipes de médicos de família. Programa que se aplicava em Cuba e que agora se aplica no Brasil. E se aplica com toda a dedicação, com a cooperação entre o município, o estado e a União pensando no povo. E é por isso que a taxa de mortalidade infantil está caindo no Brasil. E é por isso que nós estamos vendo, hoje, a possibilidade de um atendimento à saúde pública. É por isso que a própria assistência hospitalar, e aqui há gente que entende disso, tem menos pressão do que existiria se não houvesse o agente comunitário de saúde.

Saúde e educação é que constituem, realmente, a obra que fica, que não aparece, que é, muitas vezes, denegrida pelos críticos que não têm o que fazer a não ser fazer discurso. Discurso vazio. Ficam dizendo que o Governo não se ocupa senão da estabilidade da moeda e do dinheiro. Mas os que não têm a alma tortuosa, os que têm olhos abertos, que vêem o que acontece no Brasil, sabem que o médico de família, o agente comunitário de saúde e, sobretudo, a bolsa-escola estão mudando o Brasil.

E a bolsa-escola, hoje, posso lhes dizer, já está alcançando 2 milhões e 400 mil estudantes. Até o fim do ano, nós vamos alcançar 11 milhões de estudantes. E essa bolsa-escola atende a quem? Aos mais pobres dentre os pobres, 30% de todos os estudantes das escolas públicas brasileiras, ou seja, são 11 milhões de pessoas. Nós temos 36, 37 milhões de estudantes, e 30% recebem essa bolsa. Quem recebe a bolsa? É a dona de casa, é a mãe, é a mulher, porque a mulher, muitas vezes, é o sustentáculo da família. E é preciso que se dê apoio à mulher brasileira, à mulher do homem mais pobre, porque ela sabe o destino que vai dar ao dinheiro da bolsa. E isso está mudando, progressivamente, a sociedade brasileira.

Ainda recentemente, Governador, eu, fazendo uma exposição para um grupo de estudantes, mostrei os dados para mostrar o seguinte: o processo de crescimento econômico é variável; às vezes o produto interno bruto sobe bastante e outras vezes não. Não depende da vontade do Governo, só em parte. Depende de muitos fatores. Alguns são externos, de crises, de pressão sobre o câmbio, etc. Então o produto brasileiro varia.

É verdade que nos meus seis anos e meio de governo nunca tivemos crescimento negativo. Nunca. Mas também é verdade que, muitas vezes, o crescimento foi frustrante para nós. Não se alcançou o que se desejava. E, não obstante, todos os dados, todos, eu grifo, da área social cresceram. Todos.

A mortalidade infantil caiu, o número de estudantes na escola aumentou, o número de estudantes mais pobres cresceu mais depressa do que o das classes acomodadas. Houve um aumento grande do atendimento hospitalar. O gasto com a saúde aumentou consideravelmente. Houve acesso à terra: distribuimos 20 milhões de hectares de terra. Como eu disse outro dia a Fidel Castro, duas Cubas foram distribuídas, no Brasil, dentro da democracia. Demos acesso à terra a 500 mil famílias. Criamos um programa chamado Pronaf, que é um programa de financiamento para o assentado. Este programa tem, para o ano que vem, 4 bilhões de reais para a safra que vem – 4 bilhões. E não havia nada.

Criamos um programa chamado – o nome não é bonito – Peti–Programa de Erradicação do Trabalho Infantil. Milhares de crianças estão saindo do trabalho e as famílias recebem uma bolsa. Criamos um programa chamado Loas, que não existia. Hoje, todos os idosos que não têm recursos recebem recursos. Um outro programa atende todos os que são carentes e têm problemas de insuficiência física.

E o conjunto desses programas, que são verdadeiros programas de renda mínima, incluindo neles a aposentadoria rural daqueles que não cotizam, mas recebem, significa um dispêndio de 20 bilhões de reais. Vinte bilhões de reais que o Governo Federal recolhe nos impostos e vai dar diretamente ao povo. E ao dar diretamente ao povo, está eliminando a intermediação política, o clientelismo, o assistencialismo. Não precisa do favor de ninguém. É direito de cidadania.

Por isso, Governador, quando o Senhor mencionou, aqui, não só a ingratidão – o problema de quem é ingrato não nos toca além de certo limite –, mas que, efetivamente, o que alimenta o nosso espírito, que dá ânimo, nos dá força, é saber que nós estamos agindo com

decência, com honestidade, com correção, combatendo a corrupção de uma maneira global, destruindo as fontes de corrupção, fazendo com que as pessoas, como no caso da bolsa-escola, recebam diretamente, num cartão magnético, o seu pequeno recurso para melhorar sua vida. Sentimos que isso está dando resultado.

Cheguei, hoje, ao Ceará – e tantas vezes eu vim ao Ceará – para participar da inauguração desse programa. Daqui a pouco, vamos assinar contratos para acrescentar 300 megawatts de energia ao Ceará. Nesses 300 megawatts, uma boa parte é de energia eólica. Vamos criar uma fábrica no Ceará, lá em Pecém, para produzir os geradores de energia eólica.

Ao ver que, com toda dificuldade, as coisas caminham, Governador, por mais que um ou outro, enfim, nos calunie, por mais que muitos nem percebam o que se está fazendo, por mais outros se sintam até incomodados pelo que nós estamos fazendo, nós temos a nossa consciência tranquila. Nós estamos fazendo – talvez pudéssemos fazer mais, sempre se pode fazer mais –, mas nós estamos fazendo. E muito. Sabe por quê? Porque esse povo merece. Sabe por quê? Porque esse povo exige de nós. Estamos fazendo muito, porque temos uma sociedade democrática, organizada, que pressiona e que, portanto, ainda que nós não quiséssemos fazer, seríamos levados a fazer.

A diferença, Governador, é que nós fazemos com gosto. Nós temos satisfação de ver as obras caminhando. Nós temos satisfação de dizer: olha, custou, mas está aí. Olhem para trás, ou para frente, no caso de vocês. Olhem para lá e vejam: tem o rio Acaraú. Esse rio, agora, vai esparramar suas bênçãos por essas terras queridas do Ceará, para o norte do Ceará. E isso é a maior alegria que um Presidente da República pode ter.

Viva o Ceará! Viva o povo do Ceará! E muito obrigado!